

Cerol sem grade

Alonso Junior¹

A pipa, ou papagaio, sempre foi para mim mais do que um brinquedo popular: é um gesto de liberdade, de infância, de memória e de pertencimento. Nas periferias urbanas, soltar papagaio nunca foi apenas brincar, mas também disputar narrativas sobre corpos e territórios. Foi a partir dessa experiência que construí a coletânea Cerol sem grade, mergulhando nesse universo a partir da minha própria vivência, de quem sente, caminha e pertence às ruas da periferia de Manaus.

Entre 2020 e 2021, iniciei minhas caminhadas fotográficas. Elas não apenas documentaram cenas cotidianas, mas também resgataram uma prática cultural que atravessa gerações e que, para mim, carrega marcas de resistência simbólica. O papagaio surge como uma metáfora para os corpos que se movem e se reinventam, mesmo quando constantemente enquadrados por olhares colonizadores e criminalizadores. Sempre me perguntei: antes da prisão, do baculejo, da violência policial, onde estão esses corpos? Para mim, eles estão no céu. Estão nos quintais, nas ruas, nos terrenos baldios. Estão reinventando o espaço a partir do fio, da linha, do papel de seda e da rabiola que dança com o vento.

Meu olhar não é o de um pesquisador externo ou de um documentarista que busca capturar o “perigo” da periferia. É o olhar de quem pertence, de quem compartilha afetos e histórias, de quem se reconhece em cada esquina. Eu não fotografo “o outro”: fotografo a mim mesmo, meus

¹ Fotógrafo, artista e pesquisador manauara. Encontrou na câmera fotográfica uma ferramenta de expressão para o seu caminhar, assim passou a integrar projetos socioculturais na cidade por meio de diálogos com o Coletivo Difusão, Picolé da Massa, Instituto Ganga Zumba, DaVárzea das Artes, UNICEF, FAARTES, FRAM, FETAM e outros grupos que realizam ações e projetos no desenvolvimento sociocultural na cidade de Manaus e proximidades. Hoje em dia segue em pesquisa fotoetnográfica (por meio da Universidade Federal do Amazonas) sobre a relação papagaio, pessoas e espaço dentro da periferia de Manaus. Email: contatoalonsojunior@gmail.com

vizinhos, meus amigos, meus interlocutores visuais. Essa condição altera profundamente a narrativa. Em vez de reforçar estigmas, busco questioná-los e desmontá-los.

Em Manaus, soltar papagaio foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial (Lei nº 226/2018). Ainda assim, essa prática cultural sofreu, ao longo dos anos, processos de criminalização. Muitas vezes foi associada a “desocupados”, “galerosos” ou “práticas perigosas”. Essa brincadeira foi alvo de estigmas que reproduzem preconceitos contra moradores da periferia. No meu trabalho, procuro recuperar essa disputa simbólica e mostrar como, mesmo diante dessas tentativas de repressão, as pipas continuam a subir aos céus de Manaus, resistindo em cores, formas e movimentos.

Esse percurso também me atravessou de forma pessoal. Durante minhas caminhadas fotográficas, em plena pandemia, reencontrei lembranças da minha própria infância. O ato de soltar papagaio reacendeu em mim recordações de alegria, pertencimento e comunidade. Enquanto a cidade atravessava um dos períodos mais dolorosos de sua história recente, encontrei na fotografia não apenas registro, mas também respiro, reencontro e partilha.

O bairro onde cresci, tantas vezes narrado pela imprensa como espaço de violência e perigo, revelou-se em minhas lentes de outra forma. Se nos anos 1990 foi marcado pelos confrontos de “galeras” e, mais tarde, pelo estigma de “ponto de vendas de drogas”, nas minhas fotos emergiu outra realidade: a do encontro, da circulação, do comércio interno agitado. Vi crianças correndo com papagaios improvisados, compondo uma cartografia afetiva que escapa da narrativa única do medo.

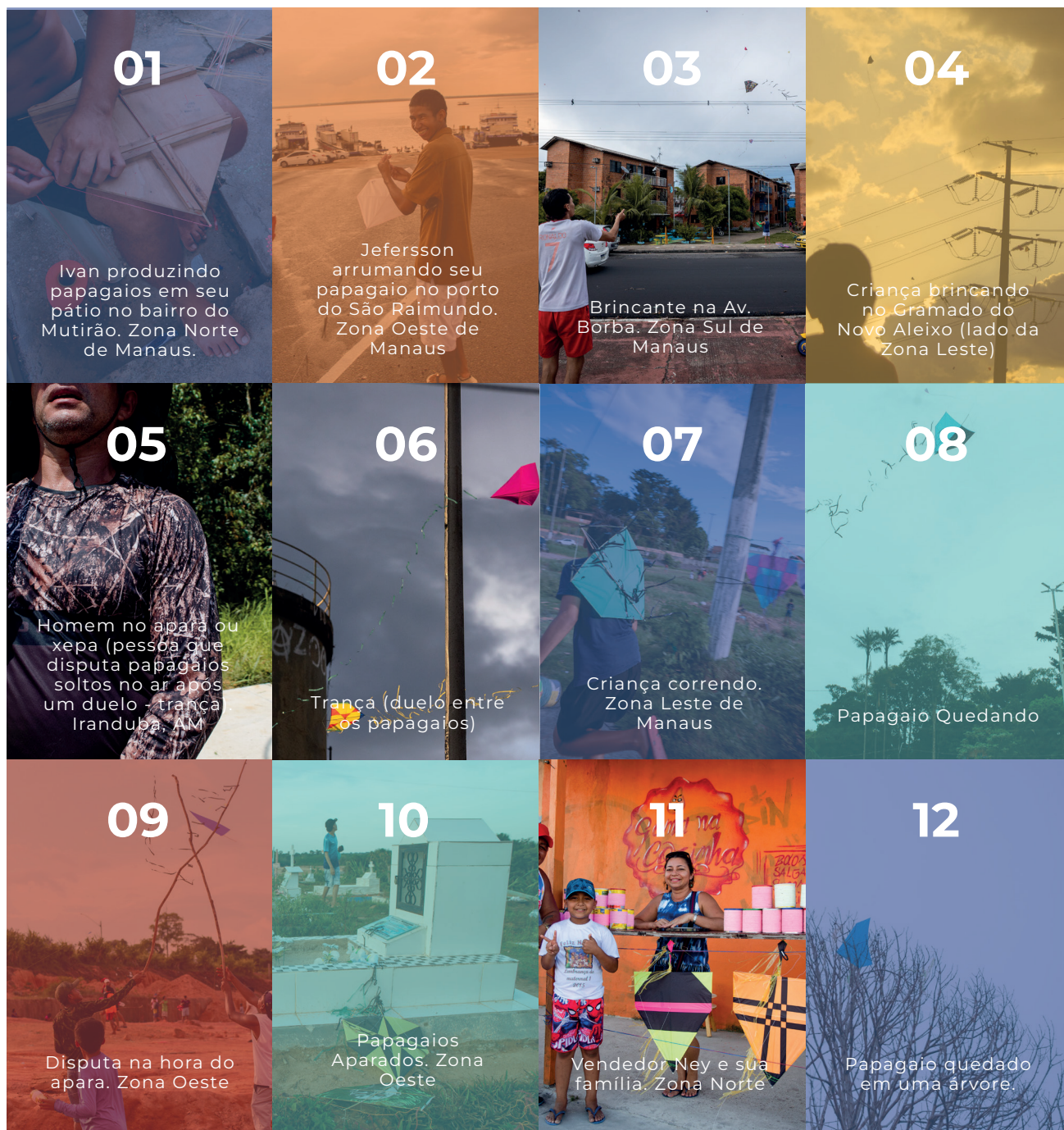
Mais do que retratar, sempre busquei interagir. Minha circulação não é neutra: é marcada por trocas, conversas, risadas e cumplicidades. Minhas fotografias revelam a densidade de uma vida comunitária que não cabe nas manchetes de violência. Elas trazem à tona a vitalidade de um espaço que, apesar das dores históricas e da marca racializada sobre seus habitantes, insiste em

criar brechas de alegria, em transformar o céu em tela e o vento em aliado. Com Cerol sem grade, quero convidar à reflexão: até que ponto os discursos dominantes aprisionam os corpos periféricos em narrativas de dor? Que outras histórias podemos contar quando olhamos para as pipas colorindo o horizonte? Para mim, o papagaio é símbolo de invenção cotidiana, de superação dos limites impostos, de voo possível mesmo com linhas presas às mãos.

Quero mostrar que a periferia não é apenas espaço de carência, mas sobretudo de potência. É lugar onde se constroem afetos, memórias, economias próprias, linguagens visuais e expressões culturais únicas, forjadas nas manualidades periféricas. Ao retratar a prática de soltar papagaio, não apenas documento uma tradição, mas também convido a repensar a cidade, os corpos e as relações sociais.

Assim, afirmo que Cerol sem grade é mais do que uma coletânea de imagens: é um manifesto visual. Um convite para enxergar além das grades físicas e simbólicas impostas, reconhecendo no simples ato de soltar papagaio uma forma de resistência, de beleza e de liberdade. Porque, mesmo em meio às marcas da dor, há sempre cores que insistem em voar no céu.

CEROL SEM GRADE



ALONSO JUNIOR

Fotógrafo, artista e pesquisador manauara

01



2021 **2025**

Ivan produzindo papagaios em seu
pátio no bairro do Mutirão. Zona Norte
de Manaus.

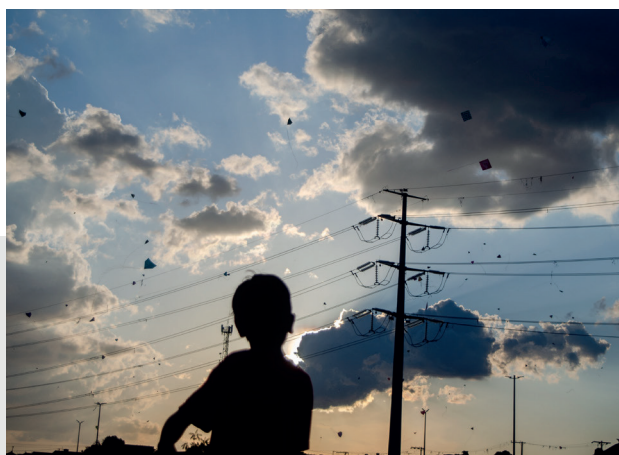
02



Jefersson arrumando seu papagaio no porto do São Raimundo. Zona Oeste de Manaus

03 - 04 - 05

Brincante na Av. Borba. Zona Sul de Manaus



Criança brincando no Gramado do Novo Aleixo (lado da Zona Leste)

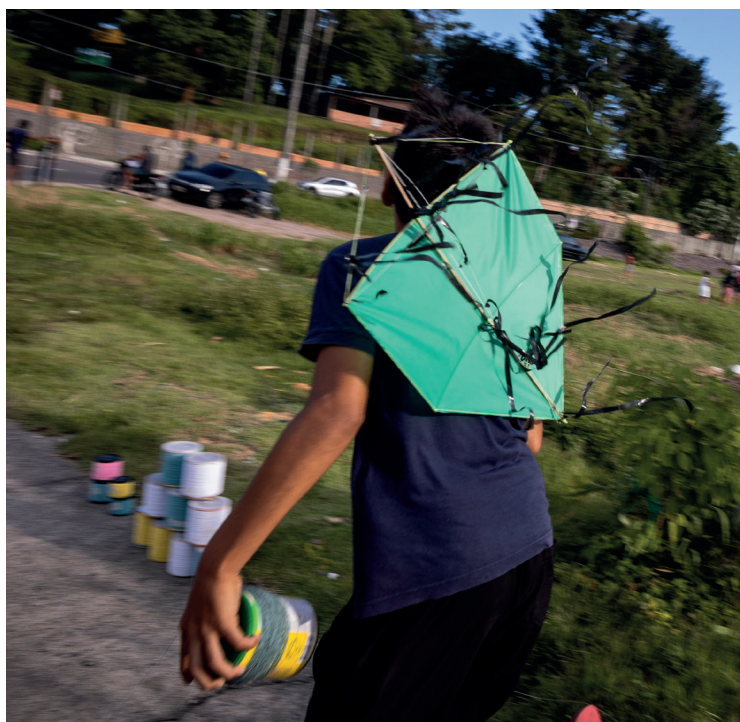


Homem no apara ou xepa (pessoa que disputa papagaios soltos no ar após um duelo - trança). Iranduba, AM



Trança (duelo entre os papagaios)

07



Criança correndo. Zona Leste de Manaus

08 - 09 - 10

Papagaio Quedando



Disputa na hora do apara. Zona Oeste



Papagaios Aparados. Zona Oeste

11



Vendedor Ney e sua família. Zona Norte



Papagaio quedado em uma árvore.